



Acervo da família, foto: Ernesto Xavier

Chica Xavier

Por: Luana Xavier¹

¹ Mulher preta, filha de Oyá, neta de Chica Xavier, atriz, apresentadora e militante negra.

Chica é fé, Chica é amor, Chica é arte e Chica é resistência!

Eu que sempre tenho muita certeza e muita confiança sobre o que colocar em um papel quando sou convidada a discorrer sobre determinado assunto, me vejo perdida neste momento. A missão é falar sobre Francisca Xavier Queiroz de Jesus, Chica Xavier em artes e minha avó na vida. Essa estranha estagnação é porque não posso errar. Não me permito errar quando tenho que falar sobre a pessoa mais importante da minha história.

Acho que me dei conta que vó Chica era a figura central da minha existência quando por volta dos meus 19 anos comecei a viajar pelo Brasil com um espetáculo de teatro. Nesse período, ela era a primeira pessoa para quem eu queria ligar e contar sobre a cidade que conheci. Ela era a voz que me acalmava nos dias de angústia e saudade. Era o primeiro nome por quem eu rezava antes de dormir. Aliás, eu aprendi a rezar com minha avó. Desde pequena a ouvia dizer: “quer expressar carinho por alguém especial, reze por essa pessoa”.

Já existe uma biografia sobre ela, escrita pela Teresa Montero: “Chica Xavier, a Mãe do Brasil”. E no meu depoimento no livro falei um pouco sobre a missão espiritual da minha avó. Missão essa que aos poucos está sendo passada pra mim. Lembro de uma vez ter perguntado a ela de quem era uma foto 3x4 na gaveta, um rosto que não me era nada familiar. Então ela disse que era de uma senhora que ela conheceu na feira e que estava passando por problemas de saúde. Minha avó então pegou essa foto, anotou o nome atrás e a partir daí começou a rezar pela saúde desta moça.

Baiana, nascida em Salvador na Roça da Sabina, ela era presença confirmada nas trezenas de Santo Antônio, mas também frequentava terreiro de Candomblé. Vovó sempre foi sincrética. É irmã da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Pretos em Salvador, mas também é ialorixá da Irmandade do Cercado de Boiadeiro, em Sepetiba (RJ), da qual sou herdeira. Falo desse sincretismo da minha avó, porque a fé que ela nutre desde muito nova é sem dúvidas uma de suas maiores virtudes.

Vovó se tornou conhecida pelo Brasil afora por interpretar papéis, principalmente na TV, que sempre trouxeram uma força maternal. Ela é um pouco mãe, vó e tia de muita gente nesse país. Falo muito sobre ela nas minhas redes sociais, e os comentários são sempre nesse sentido. E embora a maioria dos papéis que ela já interpretou tenham trazido esse estigma do “não protagonismo” a que artistas pretos estão fadados, sua altivez e seu olhar são suas maiores marcas.

A Chica atriz é a mais conhecida por você que está lendo esta revista agora, por isso quero falar um pouco sobre a minha vó Chica.

Seção Aruanda

Vovó definitivamente vive pra família. Sempre gostou de casa cheia, almoço de domingo regado a moqueca de ovos (especialidade dela), cozido ou feijoada. Ela preza pela fartura. É que seu primeiro Orixá é Iansã, a deusa dos ventos e das tempestades, mas vovó também tem Oxóssi em seu Ori. Que é um Orixá caçador, senhor da fartura. Almoço na casa da minha avó tem que ter comida para o dobro de pessoas presentes. É que a qualquer momento pode chegar uma filha ou um filho. Os de barriga são apenas três, mas ela foi angariando muitos outros pelo caminho.

Francisquinha é colecionadora de amigos. Tanto é, que em viagens, ela dificilmente fica hospedada em hotel. Sempre tem a casa de um amigo pra ela se sentir mais a vontade e dar boas risadas com Kelé, seu companheiro de toda a vida.

Perdi a conta de quantas vezes seu nome foi confundido com a histórica Xica da Silva, mas vovó sempre tem uma resposta na ponta da língua: “Eu sou Chica de Kelé”. É que os quase 63 anos de casamento provam que amor preto cura. Amor preto é revolucionário! Hoje vovó está com 88 anos e vovô com 92, e eles ainda fazem declarações diárias de amor um pro outro.

Além da Chica atriz, e da chica mãe, temos também a Chica sacerdotisa de Umbanda. Embora na infância na Bahia ela tenha conhecido o Candomblé, quando veio para o Rio de Janeiro nos anos 50, foi a Umbanda que a acolheu. E o mais lindo sobre a fé da minha avó é que ela não diz a ninguém que a pessoa deve professar a mesma religião que ela. Ela é defensora ferrenha de que cada um siga aquilo que contempla a si próprio, mas se precisar de um banho de ervas e de uma reza, ela sempre se coloca à disposição. Já ouvi gente dizendo : ‘não tenho religião alguma, minha religião é Chica’. E mesmo que essa seja uma frase que coloca mais uma responsabilidade nas costas da minha avó, ela é um símbolo tão grande de fé, que jamais rejeitaria um título como esse.

Agora quero falar sobre a Chica militante. Emprestar sua imagem para inúmeros personagens no cinema, no teatro e na TV, já seria por si só uma forma de militância antirracista. Mas Chica sempre foi de colocar a “boca no trombone”. Foi Conselheira Curadora da Fundação Cultural Palmares por alguns anos. Na batalha pela implementação da Lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro brasileira nas escolas, ela estava no front. Rodou o Brasil falando sobre a importância desta lei. E como ela inclui a família em tudo, eu mesma a acompanhei em vários encontros e seminários que debatiam os rumos da educação no Brasil. E uma das coisas que muita gente não sabe, é que além de tudo o que já citei aqui, Francisca é também funcionária aposentada do Ministério da Educação. E muito por conta disso ela sempre fez questão que filhos e netos se empenhassem nos estudos. E foi por incentivo dela, que na época de vestibular, mesmo eu já sendo atriz, optei por cursar Serviço Social, porque vovó achava necessário que eu tivesse um plano B, já que artista no Brasil não é valorizado. Se for artista preto então, as dificuldades são ainda maiores.

Bem, eu poderia escrever uma dissertação sobre minha avó, porque histórias e ensinamentos não faltam, mas quis de alguma forma transformar esse texto em uma homenagem. Homenagem ainda em vida, porque ela merece todas as honrarias possíveis. Ela faz parte ativamente da história e da cultura desse país. Ela é referência para muita gente, e principalmente para mulheres negras. E algo que eu

Seção Aruanda

acho de suma importância é que nós, comunidade negra como um todo, precisamos entender que festejar nossos mais velhos, nossas conquistas e nossos avanços, também são ferramentas de militância. Porque a militância em forma de denúncia, embora seja necessária para nossa sobrevivência, ela também nos adocece. Por isso faço um apelo para que festejemos Chicas, Kelés, Ruths, Léas, Zumbis, Dandaras e tantas outras referências do nosso povo preto.

Chica é fé, Chica é amor, Chica é arte e Chica é resistência! Te amo hoje e sempre, minha avó!